

FACULDADE NOSSA SENHORA APARECIDA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LEUZETE SANTOS BARBOSA CRISÓSTOMO

**MÉTODOS DE ENSINO NA ALFABETIZAÇÃO E NO LETRAMENTO: USAR OU
NÃO USAR?**

APARECIDA DE GOIÂNIA / GO
2019

LEUZETE SANTOS BARBOSA CRISÓSTOMO

**MÉTODOS DE ENSINO NA ALFABETIZAÇÃO E NO LETRAMENTO: USAR OU
NÃO USAR?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade Nossa Senhora Aparecida-FANAP, como requisito final para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Ma. Nilvânia Damas Silva Lima

APARECIDA DE GOIÂNIA / GO
2019

Crisóstomo, Leuzete Santos Barbosa

C932m Métodos de ensino no letramento e na alfabetização – usar ou não usar?
/ Leuzete Santos Barbosa Crisóstomo. – Aparecida de Goiânia-GO, 2019

iii, 17 f. ; 29 cm

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade
Nossa Senhora Aparecida, Campus Bela Morada, Aparecida de Goiânia,
2019.

Orientadora: Profª. Ma. Nilvânia Damas Silva Lima.

1. Métodos. 2. Alfabetização. 3. Letramento. I. Título. II Faculdade
Nossa Senhora Aparecida.

CDU 37:028.6

LEUZETE SANTOS BARBOSA CRISÓSTOMO

MÉTODOS DE ENSINO NA ALFABETIZAÇÃO E NO LETRAMENTO: USAR OU NÃO USAR?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade Nossa Senhora Aparecida-FANAP, como requisito final para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Aprovado em: 10 / 12 / 2019

BANCA EXAMINADORA



Prof. Ma. Nilvânia Damas Silva Lima.
Orientadora



Prof. Ma. Carolina Machado Moreira
Leitor (a) - FANAP



Prof. Dr. Cristiano Santos Araújo
Leitor (o) - FANAP

OS MÉTODOS DE ENSINO NA ALFABETIZAÇÃO E NO LETRAMENTO: USAR OU NÃO USAR?

Leuzete Santos Barbosa CRISÓSTOMO¹
Nilvânia Damas Silva LIMA²

RESUMO: A presente pesquisa aborda os métodos de ensino na alfabetização e no letramento, objetivando discutir a questão de usar ou não usar métodos na alfabetização e qual o método mais adequado a ser usado nesse processo. Para tanto, apresenta-se o conceito de letramento e de alfabetização, os principais métodos de ensino usados para alfabetizar e letrar as crianças no Brasil, bem como o que os principais documentos norteadores da Educação apontam sobre o uso de métodos de ensino. Por fim, mostra-se a opinião de especialistas como Soares (2017b), Frade (2007), Ferreiro e Teberosky (1991), entre outros, sobre o emprego de métodos para ensinar a ler e escrever. Conclui-se que métodos não são suficientes para ensinar as crianças, mesmo assim é importante o uso de métodos no desenvolvimento da aprendizagem delas.

PALAVRAS-CHAVE: Métodos de ensino. Alfabetização. Letramento.

INTRODUÇÃO

Sabemos que em nosso país ainda existe um número muito grande de analfabetos ou de estudantes que saem da escola sem terem sido realmente alfabetizados, isto é, mal sabem ler, escrever e compreender o que leem ou escrevem (GALVÃO; LEAL, 2005).

É muito comum ouvir a sociedade, pais e até professores questionando a eficiência dos métodos de ensino. Essa também é uma preocupação de minha parte, pois, em minha inexperiência como professora, sempre questiono por que ainda há estudantes com dificuldades para ler e escrever se há métodos próprios para ensiná-los.

De acordo Soares (2017b, p.331), métodos de alfabetização são “maneiras de orientar a criança à cognição linguística, levando-a a uma aprendizagem bem sucedida da leitura e escrita em uma ortografia alfabética”, isto é, são formas usadas para facilitar a aprendizagem inicial da leitura e escrita pela criança.

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia.

² Professora-orientadora. Mestra em Letras e Linguística. Graduada em Letras Português-Inglês. Professora da FANAP.

Os métodos de alfabetização sempre foram uma questão, pois “derivam de concepções diferentes sobre o objeto da alfabetização, isto é, sobre o que se ensina quando se ensina a língua escrita” (SOARES, 2017b, p. 25). É um assunto discutido há décadas de forma tão intensa que atravessou o século XX e ainda continua nos dias atuais, não só no Brasil como também em outros países.

Muitas das dificuldades que as crianças apresentam no desenvolvimento da aprendizagem de língua portuguesa acontecem devido aos métodos empregados, então, surgem questões que precisam ser discutidas. Nem toda a tecnologia dos dias atuais conseguiu impedir que se multiplicassem as polêmicas e controvérsias sobre qual método é o “certo” ou o “melhor”.

Na tentativa de compreender essas lacunas e indagações acerca dos métodos de ensino empregados na alfabetização, adotando uma metodologia bibliográfica exploratória, este estudo tem como objetivo apresentar uma reflexão a respeito do uso de métodos na alfabetização, questionando se existem métodos adequados para o desenvolvimento da leitura e escrita e se é possível alfabetizar sem procedimentos metodológicos pré-estabelecidos por especialistas.

Nesse sentido, esta pesquisa se baseia nos estudos de Soares, (2003, 2017a, 2017b), Ferreiro e Teberosky (1991), Frade (2007), dentre outros pesquisadores que vêm, ao longo dos anos, aquecendo o debate em torno da temática.

Este artigo, além desta introdução, na primeira parte apresenta o conceito de alfabetização e de letramento e os principais métodos de ensino para esta fase, destacando o porquê de os educadores precisarem propor práticas de letramento para “alfaletrar” as crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Em seguida, são mostradas as propostas dos principais documentos oficiais quanto ao emprego de métodos de ensino. Depois são apresentados o que dizem alguns autores sobre usar ou não usar métodos na alfabetização, se há um método mais adequado para garantir a alfabetização em dois anos e se é possível alfabetizar sem métodos. Por fim, apresentam-se as considerações finais.

ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E OS PRINCIPAIS MÉTODOS DE ENSINO

As reflexões sobre o processo de alfabetização e quais métodos de ensino usar no desenvolvimento da aprendizagem da criança são fundamentais e, na atualidade, ocorrem com muito mais frequência. Apesar disso ainda hoje um alto índice de

fracasso na alfabetização brasileira, e isso inaceitável. Pensar estratégias metodológicas que atendam as expectativas de alfabetizar e letrar nas séries iniciais do ensino fundamental é quebrar parâmetros e reinventar na sociedade do conhecimento.

Em entrevista a Wellington Soares (2017), da revista Nova Escola, a professora americana de Harvard e especialista em alfabetização, Catherine Snow, ressalta que é importante a criança ser alfabetizada mais cedo, porém a idade ideal é entre 6 e 7 anos. Para a autora, se começarmos muito cedo, podemos correr o risco de desperdiçar tempo, porque nem todos irão conseguir desenvolver juntos. Por isso a importância de, nessa fase, focar mais em outras atividades, sem a obrigação de aprender a ler e escrever.

Nessa perspectiva, para Soares (2003), “A alfabetização é a aquisição do sistema de codificação de fonemas e decodificação de grafemas, com apropriação do sistema alfabético e ortográfico da língua. Alfabetizar significa orientar a criança para o domínio da tecnologia da escrita”.

Em outras palavras, conforme aponta essa mesma autora, no primeiro capítulo de *Alfabetização e Letramento* (2003), alfabetizar é ensinar a criança a desenvolver a escrita e suas habilidades, bem como a compreender os significados por meio do código escrito, lendo.

De acordo com Cagliari (1998), saber ler (decifrar a escrita) é o segredo da alfabetização. É muito importante que o professor tenha sempre isso em mente. Ele deverá fazer muitas coisas como professor, mas ensinar a ler é sua tarefa principal.

Ferreiro (2000) afirma que a criança compreende a escrita antes mesmo de saber ler ou escrever, pois está exposta à escrita o tempo todo no meio social em que está inserida. A escola e os professores têm papel fundamental no desenvolvimento dessa compreensão. Para tanto, faz-se necessário promover situações que despertem, no aluno, a curiosidade e o interesse em buscar novos conhecimentos, mediando, assim, o processo de ensino aprendizagem.

Essa mesma autora considera que “ela [escola] pode cumprir um papel importante e insubstituível. No entanto, este não deveria ser o de dar inicialmente todas as chaves secretas do sistema alfabético, mas o de criar condições para que a criança as descubra por si mesma” (FERREIRO, 2000, p. 60).

Freire (2011, p. 19), sobre a importância da leitura no ensino aprendizagem, mostra que,

a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a preocupação das relações entre o texto e o contexto.

Dessa maneira entende-se que é importante o professor partir da compreensão de mundo da criança, começar por textos conhecidos por eles, para que seja despertado o gosto pela leitura, se tornando prazeroso.

O atual documento que norteia a Educação no Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), afirma que,

alfabetizar é trabalhar com a apropriação pelo aluno da ortografia do português do Brasil escrito, compreendendo como se dá este processo (longo) de construção de um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento fonológico da língua pelo estudante (BRASIL, 2018, p. 90).

Conforme aponta a BNCC (2018), a alfabetização das crianças deve acontecer nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental e, portanto, nesse período elas devem aprender a ler e escrever, bem como aprender a usar esse conhecimento nas práticas sociais das quais participa.

Para que o processo de alfabetização se concretize, diversos métodos de ensino foram criados e vêm sendo utilizados pelos professores no Brasil e no mundo. Soares (2003) entende por métodos de alfabetização um conjunto de procedimentos que, fundamentados em teorias e princípios, orientam a aprendizagem inicial da leitura e da escrita, que é como ela denomina essa etapa de aprendizagem. Refletir sobre os métodos de alfabetização possibilita aos professores contribuir com o desenvolvimento e aprendizagem dos educandos.

Segundo Frade (2007), os métodos de ensino se dividem em dois grandes grupos: sintéticos e analíticos. Ambos enfocam o ensino de escrita, porém o fazem de maneira diferente. Os primeiros partem das unidades menores para as maiores; e os segundos, das maiores para os menores. Dito de outro modo, os métodos sintéticos ensinam primeiro as letras para chegar aos textos e os analíticos enfocam palavra, sentença e texto, nessa ordem.

De acordo com Frade (2007), os métodos sintéticos se subdividem em fônico, silábico e alfabético. Segundo ela, “o método fônico explora os sons, dando ênfase a menor unidade da fala, o fonema e sua representação na escrita” (idem, p. 8). Então, ensinam-se primeiramente o alfabeto, a forma e o som das vogais, e, em seguida, as

consoantes, estabelecendo entre elas relações cada vez mais complexas, a fim de consolidar a relação entre som e letra.

Conforme a Política Nacional de Alfabetização (BRASIL, 2019, p. 33) orienta, o método fônico é o ideal para alfabetizar as crianças. Segundo esse documento, por esse método, a criança conheceria mais facilmente os sons das letras e adquiriria consciência fonêmica, ou seja, a habilidade de identificar ou segmentar os pequenos segmentos sonoros que compõem as palavras que ouvimos ou falamos.

Para Frade (2007, p. 24), “o método silábico é um aprimoramento deste conceito [método fônico], uma vez que o acesso direto à sílaba e não ao fonema, pode ajudar a concretizar mais rapidamente a relação de segmentos da fala com segmentos da escrita”. Entende-se que nesse método a criança é levada a desenvolver, inicialmente, as sílabas, para em seguida partir para a palavra e, depois, para o texto.

O método alfabético, de acordo com Frade (2007, p. 2), “toma como unidade a letra”, ou seja, a criança aprende primeiro os nomes e representações das letras do alfabeto para depois aprender a formar sílabas e palavras.

O segundo grupo de métodos apontados em Frade (2007), os analíticos, compõe-se dos seguintes métodos: palavração, sentencição e global.

No método de palavração, a aprendizagem acontece pela memorização das palavras, isto é, as crianças aprendem a reconhecer as palavras pela visualização gráfica. Então, para o desenvolvimento da escrita pela criança, as palavras são escritas em cartões e, no verso, é colocada a imagem que a representa.

Segundo Frade (2007), o método de sentencição tem a frase como unidade de trabalho. Depois de compreendida, é decomposta em palavras que, por sua vez, são transformadas em sílabas.

Já o método global (FRADE, 2007) é reconhecido como o método de contos, pois partem do reconhecimento global de um texto, que é memorizado e, depois, partido em sentenças, expressões, palavras e, por fim, sílabas. Porém, esse processo é feito de forma gradativa.

Esses métodos, no entanto, apesar de ainda muito usado, têm falhado em formar pessoas capazes de ler e escrever e compreender o que escrevem, ou seja, aqueles que foram ensinados a ler e escrever com base nesses métodos não têm se mostrado capazes de usar socialmente a leitura e a escrita para responder “adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita” (SOARES, 2017a, p. 40).

Os métodos sintéticos e analíticos fracassam porque consideram o estudante como um aprendiz passivo, incapaz de ler ou escrever textos autênticos, conforme ressalta Soares (2017b, p. 20),

em ambos [métodos analíticos e sintéticos], o ensino prevalece sobre a aprendizagem e conseqüentemente a alfabetização se reduz a uma escolha de método, ambos têm como pressuposto que a criança aprende por “estratégias perceptivas” embora os métodos sintéticos coloquem o foco na percepção das correspondências entre o oral e o escrito enquanto os métodos analíticos colocam o foco na percepção visual percepção das correspondências entre o escrito e o oral, ambos consideram a criança como um aprendiz passivo que recebe o conhecimento que lhe é transmitido por meio do método e de material escrito cartilhas ou livros elaborados intencionalmente para atender ao método.

Segundo Frade (2007) os métodos sintéticos foram os primeiros a serem utilizados, portanto são os mais antigos, sendo utilizados sem competidores até a chegada do construtivismo, teoria de aprendizagem desenvolvida por Jean Piaget e, bastante difundida no Brasil, a partir de 1980, por meio da obra *Psicogênese da língua escrita*, publicada em 1984 por Emília Ferreiro e Ana Teberosky. Na pesquisa reportada, as autoras mostram que a criança passa por vários processos para obter o conhecimento sobre a leitura e a escrita.

“Tanto as descobertas de Piaget como as de Emília levam à conclusão de que as crianças têm um papel ativo no aprendizado. Elas constroem o próprio conhecimento daí a palavra construtivismo” (NOVA ESCOLA, 2015, n.p). Porém, essa teoria de aprendizagem foi compreendida equivocadamente como um método, causando novos fracasso na alfabetização brasileira.

Frade (citada por Magalhães, 2005, p.7) afirma que:

“Uma certa apropriação equivocada do Construtivismo gerou um relativismo metodológico, em que cada professor só iria fazer o que fosse propício para uma sala de aula, para um aluno, como se não pudesse haver princípios gerais de trabalho com a língua escrita”

Na teoria construtivista, a criança aprende gradativamente, passo a passo, e, conforme vai aprendendo, passa para outra etapa. O professor, no papel de mediador do conhecimento, deve considerar a capacidade cognitiva da criança que será alfabetizada, compreendendo seu processo de desenvolvimento, para que possa pensar em estratégias eficazes que realmente contribuam para a ampliação da aprendizagem do alfabetizando.

As contribuições do construtivismo são indiscutíveis. Entretanto, segundo Frade asseverou na reportagem de Magalhães (2005), antes de se pensar em metodologias, é importante pensar primeiro na criança, na forma como ela irá receber esse conhecimento.

Percebe-se que é de grande relevância que o professor tenha conhecimentos dos diferentes métodos a serem usados no processo de desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, levando sempre em conta as necessidades dos aprendizes. Entende-se, porém, que não seja necessário o professor se desfazer das metodologias usadas por ele nas suas aulas, as quais ele já conhece e sabe que realmente funcionam para se adaptar a outras novas.

Mas mais do que conhecer métodos, conforme afirma Soares (2017b, p. 332), “o que se propõe é que uma alfabetização bem sucedida não depende de um método ou genericamente de métodos, mas é construída por aqueles que alfabetizam compreendendo os processos cognitivos e linguísticos do processo de alfabetização”.

Sendo assim, entende-se que a alfabetização deve ser associada ao letramento e a diferentes metodologias e práticas de ensino e aprendizagem para que haja desenvolvimento das habilidades e competências do ler e escrever.

Para Soares (2017a, p. 18), “letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”.

Conforme afirma Soares (2003), letramento é a vivência, a experimentação e o domínio das práticas de leitura e de escrita que circulam em nossa sociedade. Letrar significa levar a criança ao exercício das práticas sociais de leitura e de escrita.

De acordo com a BNCC, a criança, em geral, quando chega à alfabetização já passou por práticas letradas na Educação Infantil. Na etapa da alfabetização se deverá, portanto, além de ensinar as crianças a ler e escrever, continuar a proporcionar práticas de letramentos a elas.

OS DOCUMENTOS NORTEADORES E OS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO

Neste item abordam-se os dois principais documentos norteadores da alfabetização de crianças no Brasil: os Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa (PCN), de 1997, e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada em 2018, considerando suas propostas para a alfabetização e os métodos de ensino

por eles sugeridos. Também se faz menção à recente Política Nacional de Alfabetização (PNA), lançada no início de 2019 pelo Governo recém-eleito.

De acordo os PCN – Língua Portuguesa (1997), o ensino da língua portuguesa na escola tem sido o ponto principal das discussões de especialistas em Educação, pois, tendo alta qualidade naquela área, os estudantes dificilmente apresentarão problemas para compreender as demais disciplinas do currículo, já que elas são apresentadas por meio da língua portuguesa.

Conforme destacam os PCN (1997), no “Ensino Fundamental, espera-se que os alunos adquiram progressivamente competências em relação à linguagem que lhes possibilite resolver problemas da vida cotidiana, ter acesso aos bens culturais e alcançar a participação plena no mundo letrado” (BRASIL PCN, p. 33).

Percebe-se, então, que, quando o professor ensina a criança a ler e escrever, é importante que ele comece partindo de textos do mundo real do aluno, visto que este tem importância para a criança.

A alfabetização, de acordo com os PCN (1997), não pode ser uma atividade embasada somente em perceber e memorizar, pois, para aprender a ler e escrever, o aluno precisa ter conhecimento não só do que a “escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem” (BRASIL, 1997, p. 20).

A BNCC (2018) também propõe a associação do ensino de leitura e escrita ao uso dessas habilidades na vida social,

“nos primeiros dois anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como principal ponto a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramento” (BRASIL, 2018, p. 59)

De acordo com a BNCC, para que a alfabetização garanta que as crianças se apropriem do sistema alfabético de escrita, o trabalho deve ser centrado nos textos multissemióticos e multimidiáticos, uma vez que é por meio da linguagem que as pessoas interagem umas com as outras (perspectiva enunciativa-discursiva), mesclado a atividades reflexivas sobre o funcionamento da língua portuguesa, que permitam às crianças adquirirem consciência fonológica e evoluírem em suas hipóteses de escrita.

Percebe-se, assim, que a BNCC, apesar de não explicitar métodos ou metodologias de trabalho, direciona a alfabetização para uma perspectiva construtivista, porque reconhece que as crianças passam por diferentes processos enquanto desenvolvem suas capacidades de aquisição da escrita. A BNCC se preocupa, portanto, com o desenvolvimento de competências e habilidades específicas para cada série.

Lançada em 2019, a PNA, ao contrário dos PCN e da BNCC, recomenda a adesão a um método de alfabetização: o fônico. Segundo essa política, esse método, associado ao trabalho com textos, garantiria que a criança adquirisse consciência fonêmica, ou seja, a habilidade de identificar os segmentos sonoros que compõem as palavras e sua relação com a representação em forma de letras. (BRASIL, 2019, p. 33).

MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO: USAR OU NÃO USAR? EIS A QUESTÃO.

Frade (2007), em relação a quais metodologias adotar no processo de alfabetização, entende que o professor deve conhecer melhor seu aluno, suas dificuldades, problemas, interesses e sonhos, bem como a língua que ensina. Para essa autora,

talvez possamos concluir que a escolha por apenas um caminho como verdade metodológica não será igualmente boa para todos que aprendem e que ensinam e nem que serão eficientes para todos os conteúdos que temos hoje na alfabetização (FRADE, 2007, p. 36).

Ferreiro e Teberosky (1991, p. 24) criticam os métodos tradicionais, dizendo que “o ensino tradicional obrigou as crianças a reaprender a produzir os sons da fala, pensando que, se eles não são adequadamente diferenciáveis, não é possível escrever num sistema alfabético”.

Conforme apontam essas autoras, os métodos tradicionais trazem palavras que não fazem nenhum fundamento para a criança. Por exemplo, Dadá e Didi. São palavras que não apresentam significados e se tornam, portanto, não há conexão com o mundo real. A ideia nos métodos tradicionais é que, quando a criança conseguir ler palavras como estas, ela conseguirá passar para uma escrita elaborada com frases completas.

Em reportagem sobre a história dos métodos de ensino na alfabetização, publicada no jornal Letra A, produzido pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE-MG), Magalhães (2005) ouviu especialistas que ressaltam a importância de o professor conhecer os “princípios teóricos que orientam suas escolhas metodológicas” (p. 9). Além disso, deve ser capaz de usar diferentes recursos ou estratégias à medida que perceber a necessidade de seus alunos, sem se fazer distinção entre um método ou outro.

Segundo a repórter apurou com a pesquisadora Isabel Frade, pesquisadora do Ceale (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita-UFMG) e professora da FaE-UFMG, “o professor tem que entender o porquê de cada procedimento, o momento de usá-lo e qual é o seu sentido atual” (p. 9),

Nessa mesma reportagem, a professora Isabel Frade defende ainda que o professor deve empregar uma diversidade de estratégias para alcançar o maior número de crianças possível. É fundamental que o professor tenha variadas formas de ensinar e não siga um único caminho, apenas, pois, se de uma forma não der certo, ele pode partir para outra. Além disso, é importante o professor esteja sempre inovando e buscando novos conhecimentos para atrair o aluno ao desenvolvimento da aprendizagem.

De acordo com Barbosa (1994), o que se percebe na atualidade é que os métodos tradicionais (sintéticos e analíticos) não são suficientes para dar conta da alfabetização desse momento.

Hoje em dia, não se pode pensar em métodos de alfabetização sem antes de tudo fazer uma análise do que as crianças aprendem e o modo como elas aprendem. Fica claro, então, que não é possível resolver os problemas da alfabetização somente utilizando os métodos tradicionais, pois é preciso considerar a complexidade do desenvolvimento cognitivo das crianças e a complexa realidade educacional do país. Mas, mesmo assim, os métodos são um aspecto de fundamental importância do processo educativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos teóricos bibliográficos feitos para esta pesquisa, foi possível distinguir a alfabetização e o letramento como dois processos diferentes, porém complementares, um sem o outro não funciona perfeitamente.

Atualmente a discussão sobre métodos de alfabetização ainda se faz presente, mostrando que a preocupação sobre qual método usar para alfabetizar não é nada nova.

O objetivo principal desta investigação foi refletir sobre os métodos de alfabetização, tentando compreender qual método seria o mais adequado a se usar para ensinar crianças a ler e escrever ou se seria possível alfabetizar sem usar tais métodos. Entendemos que somente os métodos não ensinam a criança, porém, mesmo assim, é importante o uso de métodos no desenvolvimento da aprendizagem dessa criança.

É preciso usar metodologias para alfabetizar, mas nem todos os métodos servem para todos os perfis de alunos. Então o professor deve encontrar o método mais de acordo a realidade do aluno.

Esta pesquisa nos fez compreender que quanto mais os pesquisadores investigarem, pesquisarem e refletirem sobre os métodos de ensino no processo de alfabetização, mais haverá esclarecimento e incentivo para pessoas, estudantes como nós, pesquisarem e entenderem sobre o uso dos métodos na escolarização.

Percebemos que o fracasso escolar ainda existe nos dias atuais e que os profissionais da área, incluindo aqueles que estão se formando para serem professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, precisamos acabar com esse problema buscando novos conhecimentos para entender como funciona a questão dos métodos na alfabetização dos alunos.

Esta pesquisa não se traduz em definir o método adequado a usar na alfabetização nem também a resolver os problemas da alfabetização e letramento, mas poderá servir de suporte a ser usado na reflexão e nos questionamentos acerca de usar ou não usar métodos no processo inicial de aquisição da leitura e da escrita.

Dessa maneira, a presente pesquisa tem a expectativa de que a mesma possa colaborar com a elaboração de novos questionamentos sobre a alfabetização, letramento e os principais métodos de alfabetização. De modo a incentivar os educadores e profissionais a fins, que tenham vontade de rever suas metodologias propostas no dia a dia e até mesmo refletir acerca de suas bases teóricas na atualidade.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: A educação é a base**. Brasília: MEC, 2018.
- Brasil. **Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização**. PNA: Política Nacional de Alfabetização/Secretaria de Alfabetização. – Brasília: MEC, SEALF, 2019.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé- bi- bó- bu**. São Paulo: Scipione 1998.
- EMILIA Ferreiro: **A estudiosa que revolucionou a alfabetização**. Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/7246/emilia-ferreiro>> Acesso: novembro, 2019.
- FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectiva históricas e desafios atuais**. Educação, Santa Maria, v. 32, n. 1, p. 21-40, 2007.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- GALVÃO, Andréa; LEAL, Telma Ferraz. Há lugar ainda para métodos de alfabetização? Conversa com professores(as). In: MORAIS, Artur Gomes; CORREIA, Eliana Borges; LEAL, Telma Ferraz. (Orgs.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 11-28.
- MAGALHÃES, Naiara. **Conhecer a história dos métodos de ensino para alfabetizar no presente**. Letra A – O jornal do alfabetizador, Belo Horizonte, Disponível em <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/files/uploads/JLA/2005_JLA03.pdf> Acesso: outubro, 2019.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017a.
- _____. **Alfabetização: A questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2017b.
- _____. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.
- SOARES, Wellington. **“Quando os especialistas pararem de gritar uns com os outros, o problema da alfabetização estará resolvido”**. Nova Escola, mar. 2017. Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/4850/alfabetizacao-polemicas-metodo-fonicidade-certa>> Acesso: setembro, 2019.